

Assessor de FHC faz crítica a Lula

Professor que elabora programa de governo do presidente-candidato diz que propostas da oposição são genéricas e ingênuas

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Responsável pelo programa de governo que o presidente Fernando Henrique Cardoso apresentará na campanha pela reeleição, o professor Carlos Américo Pacheco convocou entrevista para, com uma pitada de ironia, criticar as propostas lançadas por Luiz Inácio Lula da Silva. "Voluntarista", "genérico" e "ingênuo" foram os adjetivos mais utilizados por Pacheco para qualificar o programa de governo de Lula.



As principais críticas foram às propostas sociais. Ao comentá-las, Pacheco fez uma comparação entre o programa de Lula e o PT: "O programa é genérico. Eles não dizem como e por que fazer. Até contrariam a própria ação do PT no Congresso. Imagino que situação ridícula, quer dizer, indelicada, como a de Eduardo Jorge na votação da CPMF. O fundo de valorização do magistério, por exemplo, o PT foi contra. Como fazer, se, na hora de criar instrumentos, eles (os petistas) são sistematicamente contra?", disse Pacheco.

O coordenador chamou ainda os petistas de desinformados, ao comentar que o programa de Lula lembra o que Fernando Henrique lançou há quatro anos. "Por trás da generosidade das propostas, há um desconhecimento muito grande do que ocorreu no país nos últimos quatro anos. Lembra um pouco o *Mãos à Obra* que Fernando Henrique lançou em 1994", disse Pacheco, referindo-se ao li-

vro que o então candidato Fernando Henrique lançou há quatro anos com um detalhamento das metas de governo.

VOLUNTARISTA

As metas econômicas, como crescimento de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) também foram comentadas na base da ironia: "Seria ótimo crescer 6% ao ano, mas isso é voluntarista. O número está solto. Eles (os petistas) não dizem como virá esse crescimento e nem quando."

Pacheco ressaltou que a questão central quando se fala em crescimento econômico não foi tocada no documento do PT: como financiar o balanço de pagamentos sem comprometer o crescimento.

As alterações na atual política cambial propostas entre as diretrizes do programa de governo do PT também desconhecem a realidade brasileira e o cenário internacional, segundo Pacheco. "Não se pode alterar tarifas de importação de um dia para outro, sem levar em conta os tratados do Mercosul", ressaltou.

Outro exemplo da falta de propostas concretas é o financiamento da área de saúde, uma questão em que os partidos de oposição criaram obstáculos a todas as iniciativas do governo, como na criação da CPMF. "Eles não explicam como pretendem duplicar os gastos com saúde, já que foram sistematicamente contrários à criação de instrumentos para aumentá-los", criticou Pacheco.

Jefferson Rudy



O professor Pacheco quer detalhes no programa do candidato do PT: "Seria ótimo crescer 6% ao ano, mas eles não dizem como virá esse crescimento"

Já a proposta para o Nordeste é chamada de "ingênuo". Pacheco, lendo um trecho do documento do PT, disse que eles prometem realizar todos os investimentos necessários para o Nordeste.

ASSENTAMENTO

Quando o assunto é reforma agrária, Pacheco prefere as entrelinhas para taxar a meta de Lula co-

mo inexequível. O programa de Lula prevê o assentamento de um milhão de famílias em quatro anos. Esse número representa mais de três vezes o assentamento de cerca de 300 mil famílias que Fernando Henrique fez em quatro anos.

Pacheco foi taxativo: "Alguém aqui sabe o que é assentar famílias? O que envolve isso? São R\$ 40 mil por família. À custa de que eles

vão executar essa proposta? Não digo que não vá fazer, mas executar tudo é muito difícil", disse Pacheco, lembrando que existem outros programas importantes que poderiam ser prejudicados, como é o caso do Pronaf — Programa Nacional de Agricultura Familiar, que prevê financiamentos para famílias de baixa renda.

Ao mesmo tempo em que criti-

cava a proposta de Lula, o coordenador evitava detalhar as metas de Fernando Henrique para um possível segundo mandato. Informou que o assunto será objeto do livro *Mãos à Obra II* que o candidato apresentará ao país no final de agosto. Até lá, a intenção dele é desviar-se de perguntas relativas a diversos assuntos, como, por exemplo, a queda de juros.